

a verdade

não se pode

escondida

manter uma mentira

do verão

para sempre

passado

SUE WALLMAN

TOP
SEL
LER

Para a minha irmã, Clare, que me inspira

um

Casa do Teixo, verão passado

A minha irmã não usa a palavra «desaparece», mas é isso que ela quer dizer. Agacha-se descalça ao lado da piscina e diz:

— Vai para o teu quarto, Skye, e fica lá até eu dizer.

Teve uma discussão com alguém que está a caminho, e diz que será mais fácil de resolver se eu não estiver por perto. Não estou impressionada. Grande parte do verão tenho tido de me manter longe dela quando está ao telefone ou quando vai ter com os seus novos amigos.

— Porque é que não posso continuar a nadar? — pergunto-lhe eu. — Tens a casa toda só para ti até a mãe voltar.

Coloco os cotovelos na pedra lisa que rodeia a piscina e ajusto os meus óculos de natação. Através das lentes escuras, ela parece que está num filme antigo, o rosto impecável e o corpo perfeito, com calções e uma blusa com um laço na cintura.

— Acho que te esqueceste de que esta casa também é minha — digo eu na direção das suas unhas dos pés, pintadas com duas cores brilhantes.

— Sai da piscina — diz a Luisa. — Pega na toalha e nas minhas roupas, que eu largara sobre as lajes do chão. — Este tipo está a ser um idiota e não quero que sejas envolvida nisto. Não sei como é que ele descobriu onde vivo, mas chega cá não tarda nada. Por favor.

A preocupação na sua voz faz-me erguer o corpo para fora da piscina sem mais alarido e tirar os óculos de natação.

— Acerca de que é que foi a discussão? — pergunto, enquanto lhe tiro a toalha, a coloco à volta dos ombros e uso um canto para limpar a água da cara.

Ela atira-me as roupas.

— É mais um mal-entendido.

Ouvimos um carro a virar para o caminho de acesso na parte da frente da casa, o ruído da gravilha, o bater da porta de um carro e o som sumido da campainha.

A Luisa não se mexe.

Imprimo uma pegada perfeita nas lajes quentes do chão e observo-a a esbater-se diante dos meus olhos.

— Vais abrir-lhe a porta? — pergunto.

— Talvez finja que não estou cá — diz ela.

— O mal-entendido tem alguma coisa que ver com o Nico?

Este verão seria muito melhor se a Luisa não andasse a sair com ele.

Ela olha para o telemóvel.

— Mais ou menos.

Ouvimos passos na gravilha e a Luisa olha para mim. Tem pânico no olhar. O portão lateral não está trancado. Costumava ter um cadeado com combinação, mas estragou-se.

— Depressa — diz ela. — Agora tens de ir para o balneário. — Empurra-me na direção do pequeno edifício ao lado da piscina. — Não saias até ter acabado. Prometes?

Ela aperta-me os ombros e eu aceno com a cabeça. Depois, fico lá dentro e ela bate com a porta atrás de mim.

Os meus olhos levam alguns segundos a adaptarem-se à escuridão, e o meu nariz ao cheiro a cloro e a pinheiro, do ambientador ligado à tomada.

Ponho as minhas roupas e os óculos de natação na mais próxima das duas cadeiras de verga. Podia tomar um duche demorado. Deixar passar um bocado para que o amaciador penetrasse e gastar toda a água quente. Podia folhear a revista amarrotada que foi deixada sobre a mesinha para secar, mas não seria capaz de concentrar-me. Quero saber o que se está a passar.

Dirijo-me de novo à porta e fico junto à fresta.

— Não me tentes intimidar — ouço a Luisa dizer.

Ela está a falar com a sua voz de sou-a-mais-velha-e-sou-eu-que-mando. Muito lentamente, rodo a maçaneta da porta. Quando já não consigo movê-la mais, empurro a porta suavemente e abro-a um pouco. Ela está deitada numa espreguiçadeira do outro lado da piscina, com as pernas bronzeadas dobradas, a fazer alguma coisa no telemóvel.

— Diz só o que queres dizer e depois vai-te embora.

Deste ângulo, não consigo ver a pessoa. Espero que esteja a ter problemas com o portão de acesso à área da piscina. As palavras dele não são nítidas; então, ouve-se o *clique-claque* do portão a fechar-se, e ele diz alto:

— Dei-te hipóteses. Avisei-te. Fui muito razoável.

Abro um pouco mais a porta e vejo-o, avançando para a Luisa. Calças de ganga pretas, uma t-shirt verde justa, óculos escuros, mais velho do que ela e o Nico. Parece-me vagamente familiar.

Acerca de que é que ele a terá avisado?

A Luisa afasta-se dele, e o meu coração começa a bater mais depressa. O que é que eu faço se as coisas ficarem feias? Não tenho o telemóvel comigo. Se correr até à quinta para pedir ajuda, terei de passar por ele.

— És patético — diz a Luisa.

Não, Lu. Por favor, não o irrites.

Ele diz palavras junto à cara dela e murmura qualquer coisa acerca de respeito. A Luisa semicerra os olhos, e eu também fecho os meus.

Fá-lo ir-se embora.

Ouve-se um estampido e o som de algo a partir-se, imediatamente seguido de um grito. Abro os olhos. A Luisa está fora da espreguiçadeira, a olhar fixamente para alguma coisa nas lajes do chão.

— Olha o que fizeste ao meu telemóvel! — grita ela.

Ela tem de se ver livre dele. Agora ele está a agarrá-la no cimo do braço.

— Larga-me — grita a Luisa.

A voz dela está trémula. O medo palpita-me na garganta.

— Estás a estragar tudo — ouço-o dizer.

Ela morde-o, e ele diz um palavrão. Sei, agora que o meu coração começa a bater descontroladamente, que ele está prestes a fazer algo horrível. Afasto-me da porta, para junto de uma parede.

O tempo deforma-se, tornando-se um movimento lento e confuso, enquanto a minha mente me diz para fazer alguma coisa, mas o meu corpo não reage. *Não saias até ter acabado*, diz uma voz na minha cabeça. Deslizo pela parede abaixo, para os ladrilhos poeirentos, encosto a cabeça aos joelhos e inspiro o cloro da minha pele. Ouvem-se berros. Um grito lancinante. Um baque. Um chape. Um cão a ladrar ao longe. Aves a grasnarem.

dois

Agora

Tenho de sair daqui. Mas talvez umas férias para miúdos enlutados não sejam a solução.

A mãe vira para o caminho de acesso do Centro de Atividades e Aventuras de Morley Hill, e eu tiro os auscultadores.

— Isto parece-me encantador, Skye — diz ela.

Ela teria dito isso mesmo que o sítio se parecesse com um campo de refugiados, porque quer realmente que estas férias resultem.

Visto de fora, o centro parece-se bastante com o que está na página da Internet, embora as cores não sejam tão vivas como nos folhetos. A propriedade está escondida por detrás de uma vedação, mas consigo ver alguns dos edifícios. Existem dois estilos predominantes: o chalé a imitar madeira e a cadeia de hotéis barata.

Enquanto o carro esmaga a gravilha grossa ao subir a estrada, um cão ladra algures ao longe, e a mãe lança-se num frenesi de recomendações.

— Envia-me uma mensagem pelo menos uma vez por dia, está bem? Espero que aproveites bem o facto de teres cá orientadores. Tenta ir às palestras opcionais. Tens a certeza de que trouxeste o carregador do telemóvel?

Aceno com a cabeça nas alturas certas e descubro que tenho uma nova fobia: cães a ladrarem. Mais especificamente, o som de um cão a ladrar ao longe. Dentro do edifício da receção há quatro balcões para se fazer o check-in, dois deles a funcionarem. A minha carta diz para me inscrever no balcão amarelo. A mulher que lá está (cabelo curto e grisalho, velha mas não assim tão velha, com uma escolha infeliz de óculos cor-de-rosa) sorri entusiasticamente, apresenta-se como Pippa e diz que é a responsável pela associação de caridade Auxílio ao Luto Infantil, a que toda a gente chama ALI, cujo slogan é: *Dar uma ótima ajuda àqueles que mais precisam dela*. Ela risca o meu nome de uma lista, diz-me que o meu bloco de alojamentos é o D e que o meu quarto é o número quatro, entregando-me o código de acesso. Devia ser tudo, só que a mãe insiste em verificar se tem os números de emergência certos no seu telefone e volta a ler, uma última vez, os formulários de autorização parental, antes de entregá-los.

Isso significa que ainda ali estou quando uma rapariga pequena e magricelas se inscreve depois de mim. Foi deixada por um táxi mesmo à frente da porta. Fala tão baixo que não percebo o nome dela, até a Pippa o procurar na sua lista e dizer:

— Ah, Fay, está aqui mesmo uma das tuas companheiras de quarto.

Estica um braço na minha direção.

— Skye, apresento-te a Fay.

— Olá. Sim. Sou a Fay.

Ela fala aos solavancos ofegantes e pisca muito os olhos. O seu vestido de alças às bolinhas azuis e brancas realça-lhe o peito liso, e tem as marcas das alças de outro top no bronzeado.

— Estou tão nervosa com estas férias. Sou uma porcaria em todos os desportos.

— A sério? — pergunto, fingindo-me surpreendida, muito embora ela tenha mesmo ar de ser uma porcaria.

Ela sorri demasiado e puxa o seu rabo de cavalo. Se está nestas férias, tem de ter 15 ou 16 anos, mas é difícil acreditar.

— Vamos formar uma equipa!

Pergunto-me quem terá morrido na vida da Fay.

Quando me ofereceram um lugar neste campo de férias, há alguns meses, pareceu-me uma ótima ideia. Seis dias e cinco noites longe de toda a gente. Atividades ininterruptas, pelo que haveria pouco tempo para pensar nas coisas que tinha na cabeça. Completamente à borla. Perfeito, dada a situação financeira da família. Até hoje eu ignorava convenientemente o facto de que todas as pessoas do grupo teriam perdido alguém próximo delas. Que teria de interagir com elas e ser simpática.

— Vou chamar um monitor para vos levar ao vosso quarto — diz a Pippa.

— Vai andando — digo eu à Fay. — Tenho de me despedir da minha mãe.

Duas pessoas magoadas juntas. Não quero ficar a sós com a Fay. Não de imediato. E sei que a mãe quer ver o nosso quarto, mas estou a fazer-lhe um favor. A sério. De outro modo, ela vai ter dificuldade em ir-se embora. Depois de ver o quarto, iria querer dar um passeio pela propriedade, e depois iria tentar ficar por ali para conhecer as outras pessoas do grupo.

A Fay vai-se embora com uma pessoa de 20 e tal anos de t-shirt amarela. Todos os monitores do nosso grupo usam t-shirts amarelas, explica a Pippa. Esta semana, há três grupos distintos no centro. O amarelo, o azul e o vermelho. Os vermelhos — o grupo maior — chegaram ontem. São adolescentes de uma organização musical qualquer. De manhã, praticam os seus instrumentos no hall. Os azuis são miúdos normais cujos pais os inscreveram no campo de férias.

O amarelo é a cor dos adolescentes enlutados. A cor que não fica bem a ninguém.

Deixo a minha mala na receção, perto do balcão da Pippa, e vou com a mãe até ao carro. Damos um abraço demorado, e eu deixo-a apertar-me com demasiada força, e inspiro o cheiro do seu perfume floral sem me engasgar. Ela entra no carro, mas ainda não se pode ir embora, porque está outro carro a subir o caminho de acesso e não há espaço para passar. Isso significa que temos de conversar através da janela aberta do carro.

— Espero que te divirtas imenso — diz a mãe. — É uma excelente oportunidade.

Ela tem grandes esperanças de que eu regresse a casa uma pessoa melhor.

— Pois é.

Por acaso, cruzo o olhar com um rapaz no lugar do morto do carro. Olhos escuros, pele castanha, cabelo preto desgrenhado e um polo azul-claro. Acena ligeiramente. Para mim. Não há mais ninguém por perto, pelo que tem de ser para mim. Quando penso em acenar-lhe de volta, o carro já avançou, em direção a um lugar de estacionamento.

A mãe está a brincar com o GPS. Acha que eu não sei o que ela está a fazer. Não estamos assim tão longe de Pitford. Está a assegurar-se de que no caminho de regresso a casa não passa sequer

perto da nossa antiga casa, exatamente como fez ao virmos para cá. Ela lê os seus livros de autoajuda e está sempre a falar acerca de encerrar aquele capítulo, mas consegue fazer o que diz tanto como eu.

Respiro fundo, mas a imagem da piscina na Casa do Teixo já está de novo na minha cabeça. A água vermelha. A Luisa sob a superfície, de cara para baixo, com o cabelo disperso como uma alga.

— É melhor eu ir, enquanto o caminho está livre — diz a mãe.
— Amo-te.

— Também te amo — digo eu.

É mais fácil ser a filha que ela quer que eu seja quando sei que ela se vai embora. Fico a olhar até o carro desaparecer na estrada principal e ignoro a sensação de vazio no meu estômago.

A área da receção está mais movimentada quando volto a entrar. Há pessoas a inscreverem-se, e os vermelhos estão a reunir-se para um passeio com grande alarido. Isso significa que posso explorar por um bocado, antes de ter de descobrir onde fica o quarto D4 e conviver com a Fay.

As paredes estão cobertas por fotografias gigantes de miúdos sorridentes com capacetes, miúdos pendurados em cordas ou com coletes salva-vidas em jangadas. Há fotografias mais pequenas de grupos com nomes de escolas em baixo; toda a gente a fazer poses e sinais da paz.

Lembram-me uma foto que está guardada numa caixa ainda-por-abrir no nosso novo apartamento, tirada numa visita de estudo que fizemos à ilha de Wight quando eu tinha 11 anos. Nadámos, fizemos percursos de obstáculos, jogámos inúmeros jogos de basebol, e eu tive oportunidade de beijar o Jay Morris num jogo de verdade ou consequência. Nessa altura eu era uma miúda

superdesportiva. Toda a gente me queria nas suas equipas. O Jay Morris não ficou envergonhado por ser beijado por mim.

Quando vou buscar a minha mala, a Pippa está a inscrever o rapaz que vi no carro. O seu polo impecável, com um enorme logótipo da marca, não condiz com os seus calções amarrotados. Está a fazer um esforço demasiado grande para ser diferente. Antes que a Pippa consiga juntar-nos, agarro na minha mala quando ela não está a olhar. Mas, ao afastar-me, sinto o olhar dele sobre mim e ajeito o meu top largo, puxando-o para baixo, por cima das minhas coxas cobertas de ganga.

Conseguo encontrar o D4 com a ajuda de um mapa na parede do edifício da receção, que ilustra o que fazer em caso de incêndio. Não é difícil. Só há quatro blocos de alojamentos, uns a seguir aos outros, cada qual com uma entrada independente. Depois de tentar rodar a maçaneta da porta do D4 e perceber que estava trancada, bato, e há uma pequena espera e algumas tentativas desajeitadas de destrancá-la antes de ela se abrir.

— Olá! — diz a Fay. — Bem-vinda ao nosso quarto.

É sobretudo cor de laranja: uma parede, as cortinas e os edredões. Há três camas individuais seguidas, mais perto umas das outras do que eu gostaria. Na parede há um mapa do local com uma moldura metálica. A casa de banho privativa é branca e brilhante, embora o tapete antiderrapante, o chão cinzento e as barras de apoio a mais me façam lembrar um hospital.

A Fay já ocupou a cama debaixo da janela e colocou em cima da almofada um coelho de peluche que parece ter sido atropelado várias vezes. Eu fico com a cama mais próxima da casa de banho e mais afastada dela. Cada uma de nós tem uma pequena cómoda de madeira junto à cama e uma prateleira para pôr a mala no estreito espaço entre os pés das nossas camas e a parede. Tiro da mala algumas das minhas coisas e ponho-as na minha

cómoda enquanto a Fay fala acerca da sua viagem, como se eu pudesse estar interessada em autocarros e táxis.

— Acho que vai ser giro estar cá — digo, interrompendo-a. — Se não for, são só seis dias, e o primeiro já vai quase a meio.

Ela sorri e não sente necessidade de conversar assim tanto depois disso. Quando vai arrumar os artigos de higiene na casa de banho, procuro o meu telemóvel e instalo-me sobre a cama, encostada à cabeceira com uma almofada atrás das costas. Ligo-me ao wi-fi gratuito e visito diversos sites. Mas acabo, como costume fazer, a percorrer as minhas fotos da Luisa.

três

Quando alguém morre, olhamos para as fotografias dessa pessoa de uma maneira diferente. Queremos uma recordação de como eram, mas também procuramos as verdades ocultas nos seus olhos, respostas a perguntas que já não lhes podemos fazer.

A minha foto preferida da Luisa é uma em que ela está a mergulhar para a piscina da Casa do Teixo, mas só ela e o céu descoberto é que estão na imagem. O Sol brilha, o cabelo dela está meio fora do rabo de cavalo e ela está a rir-se. Foi tirada há alguns anos pelo Toby, o nosso vizinho da quinta ao lado. Foi mesmo antes de eles acabarem. Ele devia saber que tinha os dias contados. Até eu sabia que ele não a conseguiria segurar para sempre.

Amplio a foto no meu telemóvel para conseguir estudar a cara da Luisa. Feliz, despreocupada e bela. Ainda me parece impossível que ela esteja morta quando outrora era tão viva.

A Fay sai da casa de banho e informa-me de que há lá três prateleiras, e que espera que eu não me importe que ela tenha ficado com a de baixo, por não ser muito alta.

Olha por cima do meu ombro, inclinando a cabeça. Nem sequer tenta esconder que está a olhar para o meu ecrã. Fecho as minhas fotos. São privadas.

— Vou mostrar-te uma foto minha com o meu pai — diz a Fay.
Sorte a minha.

Abre o fecho de um bolso interior da sua mala e tira de lá uma moldura de prata. Esfrega-a na t-shirt antes de ma passar. Foi tirada num restaurante, com eles os dois encostados para a foto. O pai dela é um homem magro sem muito cabelo. Tem uma cara séria e olhos pequenos e escuros, como a Fay.

— És parecida com ele.

— Obrigada. Toda a gente diz isso — diz a Fay. — Tento fingir que ele não morreu. Digo a mim mesma que está a trabalhar como professor do outro lado do mundo.

— E isso ajuda? — pergunto, ao devolver-lhe a moldura.

— Um pouco — responde a Fay.

Volta a poli-la antes de guardá-la.

O almoço são várias saladas seguidas de um *brownie* de chocolate com uma cobertura estaladiça e o interior mole. Os melhores. Sentamo-nos em duas mesas compridas na sala de jantar amarela, assim chamada porque nos foi atribuída, ao grupo amarelo. Na realidade, as paredes são da cor sombria de uma sopa de cogumelos. À exceção do pequeno-almoço, que é na sala de jantar principal, é aqui que comemos e temos atividades exclusivamente amarelas. Todos os outros sítios são territórios multicolores.

Falta um membro ao nosso grupo. A terceira rapariga do nosso quarto chega mais tarde, de comboio. A Pippa foi buscá-la.

Sento-me ao lado da Fay, que remexe a salada no prato e fala com a sua voz de miudinha acerca de como está num programa para estudantes sobredotados.

Diz que quer ser médica e, quando começa a falar acerca da experiência de trabalho em hospitais, não consigo evitar pensar no Oscar, o meu irmão. Tem 9 anos e já fez quatro grandes operações. Arrasto ruidosamente a minha cadeira para trás e vou escolher outro *brownie*.

A Pippa regressa perto do fim do almoço com a nossa companheira de quarto. Tem o cabelo curto e escuro, uns auscultadores verdes caros à volta do pescoço, calças de ganga justas e uma blusa de alças justa nos sítios certos. Vários brincos seguem a curva de uma orelha. A outra não tem nada. Chama-se Danielle.

Pouco depois, um membro do pessoal do restaurante entra para levar os pratos e a Pippa levanta-se e bate com um talher no seu copo, para chamar a atenção.

— Agora que já chegou toda a gente, gostaria de vos dar oficialmente a todos as boas-vindas a Morley Hill. Estas férias só se tornaram possíveis graças à ALI, e todos vocês estão a lidar com a perda de alguém especial nas vossas vidas. Seguir em frente é um passo difícil mas necessário no luto, e esperamos que esta semana ajude. É por isso que o nosso campo de férias se chama *Seguir com a Nossa Vida*.

Chama? Devo ter lido à pressa essa parte da carta. Imagino a Pippa com óculos de diferentes cores enquanto ela nos diz que a participação nos vários workshops ao longo da semana é opcional, mas completamente recomendada. Uns óculos castanhos normais seriam a minha escolha para ela.

— Vamos apresentar-nos. Digam de onde são e o que é que mais esperam desta semana. Pode ser... uma atividade específica, fazer amigos, estar com pessoas que compreendam aquilo por

que estão a passar. Não vos vou pedir que falem acerca do que vos trouxe aqui. Vocês próprios podem decidir quando estão prontos para fazer isso.

Dá uma volta à mesa, dando-nos a todos a oportunidade de vermos o seu sorriso calmo de orientadora.

Imagino um jogo horrível de conhecer-uns-aos-outros em que cada um recebe uma lista com os nomes de toda a gente e outra lista com as suas relações com as pessoas falecidas e com o modo como faleceram, e em que temos de socializar e fazer corresponder as duas coisas.

— Quem é que quer começar? — pergunta a Pippa.

Um rapaz da outra mesa levanta o braço. Tem o cabelo louro mais ou menos comprido, a pele bronzada, e as mangas da sua t-shirt com *graffiti* estão justas aos seus músculos salientes. Era bom para uma *boysband*. Seria o descontraído com um passado trágico.

— Sou o Joe — diz ele. — Venho da Cornualha. Gosto de surf e de estar ao ar livre, por isso foi fácil decidir fazer estas férias. Estou ansioso por conviver com vocês todos. Vai ser divertido.

Algumas pessoas bateram palmas, mas não sei porquê.

A Fay é a seguinte. Começa com o modo como o pai morreu num acidente de automóvel há três anos. Como ela estava sentada no lugar do morto e quase morreu também. Não quero ouvir. Ela não se cala acerca das saudades que tem dele, e eu olho para fora da janela, para a relva, as árvores, os canteiros de flores e os trilhos sinuosos. Há uma piscina algures na propriedade. Imagino-me a relaxar com uma touca de natação e a baixar os óculos de natação para a cara; depois, respiro fundo. Sem fechar os olhos, imagino-me a mergulhar para dentro de uma piscina funda de água turquesa e a nadar debaixo de água tanto tempo quanto consigo, até os meus pulmões estarem quase a explodir.

Tenho consciência de que o rapaz com o polo azul-claro está a olhar para mim. Expiro abruptamente. Um pouco alto demais. Outras pessoas olham para mim. A Fay cala-se, poupando-nos a mais pormenores acerca da sua estadia no hospital, e o rapaz sorri. Como deve ser, para que eu veja que tem uns ótimos dentes.

— Então e tu, Brandon? — pergunta a Pippa, e ele desvia os olhos de mim para ela.

— Hum, sim, portanto, eu sou o Brandon — diz ele. — Sou de Londres e estou aqui porque a minha mãe me obrigou a vir.

Ouvem-se algumas risadas. Eu não me rio.

A Pippa acena com a cabeça.

— Espero que te divirtas.

Ele encolhe os ombros ligeiramente. Educadamente.

A Danielle brinca com um dos seus brincos enquanto fala. Conta que é de uma aldeia de que nunca ouvimos falar.

— Aquilo que desejo esta semana é distanciar-me um pouco do meu pai.

Ao meu lado, a Fay encolhe-se. Depois é a minha vez.

— O meu nome é Skye e vivo perto de Londres.

Mas não é daí que sou.

O botão das minhas calças de ganga está demasiado apertado. Preciso de me pôr numa posição melhor para que não se crave tanto em mim.

— Estou aqui porque queria ter férias — continuo. — Estou ansiosa pelo arborismo e por saltar da torre.

— Podes ter a tua primeira sensação de adrenalina mais logo — diz a Pippa. — A sessão de arborismo é às 16 horas.

Algumas pessoas começam a falar acerca do arborismo, e a Pippa espera um pouco antes de pedir silêncio. Uma vez ultrapassados aqueles óculos, ela parece relativamente normal, e não demasiado professoral.

Continua a dar a volta ao grupo, dando instruções. Somos 12. No final, olha para o relógio e diz:

— Agora têm direito exclusivo à piscina até às 15. Vejo-vos mais logo no percurso de arborismo.

A Fay, a Danielle e eu vestimos os nossos fatos de banho no quarto, no mais constrangedor dos silêncios, e embrulhamo-nos em toalhas para a caminhada até à piscina.

— Esta era a toalha de banho do meu pai — diz a Fay.

Segura-a à cintura com uma mão e estende o outro braço para que a possamos ver melhor.

É azul-marinho com uma mancha descolorada, quase cor-de-rosa, e uma data de linhas soltas. Não há muito a dizer acerca dela.

Eu tento.

— Fixe.

A Danielle lança-me um olhar que significa: *Fixe? A sério?*

A piscina é grande, com espreguiçadeiras brancas de plástico à volta. O resto do grupo já está lá dentro, a nadar, a gritar e a abusar dos insufláveis.

Quero muito que isto corra bem. Primeira fase: entrar rapidamente dentro de água para que ninguém veja demasiado da minha gordura. Segunda fase: dar algumas braçadas de *crawl* e sentir a cara a submergir na água.

Vai saber-me bem, como dantes.

— Anda! — grita o rapaz da Cornualha.

O Joe. Salpica-nos, e a Fay grita. A Danielle tira a toalha e faz uma bomba para dentro de água. O nadador-salvador reclina-se no seu posto de vigia para evitar ser salpicado e não diz nada.

A Fay mergulha um dedo do pé na água e guincha:

— Está gelada!

Mas atira a toalha para cima de uma espreguiçadeira e entra, a gemer, para o lado menos profundo, alongando-se, pelo que fica ainda mais magra. A água chega-lhe a meio das coxas. Retribui o meu olhar.

— Vais entrar, Skye?

— Talvez — respondo, mas já estou a sentir que a minha respiração não está normal.

— Podes apanhar sol mais tarde — diz ela, e agacha-se para dentro de água com um arquejo.

Sento-me na ponta de uma espreguiçadeira, ainda embrulhada na minha toalha, e inspeciono o verniz das minhas unhas dos pés. O vermelho alterna com o cor-de-rosa, uma homenagem à Luisa. Era o visual emblemático dos dedos dos pés dela no verão passado. Os dedos dos pés dela eram muito menos feios do que os meus.

Alguém me está a tapar a luz. Levanto a cabeça e vejo o rapaz do polo. O Brandon. Só que agora tem o tronco nu. Pega numa pequena bola de praia que está debaixo da espreguiçadeira ao lado da minha e apanha-me a olhar para ele.

— Não estás a nadar?

Oh, que perspicaç.

— Não.

Provavelmente ele acha que não quero entrar na água porque tenho vergonha de ser vista em biquíni, ou porque estou com o período. Não me importa. Qualquer dessas coisas é melhor do que a verdade.

quatro

Tiro a toalha quando ninguém está a olhar, deito-me e apanho sol por detrás de uns olhos fechados e de uns óculos escuros. A Fay chama o meu nome da piscina, mas ignoro-a. Ouço o Joe a tentar organizar um jogo parecido com voleibol. Alguém diz que, sem mim, as equipas ficam desequilibradas. Mantenho-me quieta até ser óbvio que o jogo está a decorrer. Então, porque os meus ombros estão demasiado quentes e não tenho bronzeador, e porque o cheiro a cloro me está a fazer recordar coisas de que não me quero lembrar, ponho-me de pé. Vou voltar ao quarto e ser a primeira a estar pronta para o arborismo.

Dobro-me para pegar na toalha e, subitamente, consigo sentir o cheiro de uma planta que crescia num vaso junto à piscina da Casa do Teixo. Tinha montes de florinhas brancas. Viro-me, com tonturas, desesperada por ver um arbusto com pequenas flores

brancas, para saber que não estou a alucinar com um cheiro. Tudo se inclina.

Perco o equilíbrio e caio. O meu joelho bate e desliza pela pedra quente e áspera. Arde com uma intensidade de cortar a respiração. Quando sou capaz, grito.

O barulho na piscina para imediatamente.

— Estás bem?

É um dos rapazes.

Porreiro. Estou só de biquíni e está toda a gente a olhar para mim. Aceno com a cabeça sem olhar em redor.

— Oh, meu Deus, estás a sangrar.

É a voz da Fay.

O meu joelho está uma lástima. Agarro na minha toalha e encosto-a ao sangue, para não conseguir vê-lo. O Joe está a sair da água. Aproxima-se, com a água a saltar dele para mim antes de estar sequer próximo.

— Queres que dê uma olhadela?

Fala como se tivesse o curso de primeiros socorros, como se soubesse o que fazer. Os seus calções têm um padrão com espirais laranja-avermelhadas e, de um lado, são de um branco resplandecente, com um rasgão. O rasgão é capaz de fazer parte do padrão, dado o pouco que sei acerca da moda surfista.

— Estou bem — digo na direção da pulseira do seu tornozelo. É de um verde esbatido, com uma conchinha entrelaçada. Aposto que tem um significado qualquer. Aposto que ele tem uma namorada surfista que lha deu. — Não é nada.

Com um pouco de esforço, levanto-me, colocando a toalha sobre os ombros e ignorando o joelho.

Agora a Fay está fora de água. Espreitando-me, a mim e ao meu joelho, como um estudante de medicina.

— Skye, devias sentar-te um bocado na espreguiçadeira.

O nadador-salvador está a aproximar-se.

— Estou ótima — digo. Enfio os pés nos chinelos e começo a coxear. — Não é nada. Vou voltar para o quarto. Vemo-nos mais tarde.

Fora do recinto da piscina, verifico o joelho. Está mais arranhado do que profundamente cortado, mas dói como o diabo. Rearranjo a toalha por cima dos ombros para que não roce contra o joelho e continuo a coxear para lá da área da cozinha. As portas duplas estão abertas e consigo ouvir o som de tachos a retinirem e de uma torneira de alta pressão a correr.

— Skye! Espera.

Viro-me para trás e vejo o Joe a correr atravessando o relvado, descalço, ainda só com os calções de banho vestidos. Quando chega ao pé de mim, diz:

— Manda-me dar uma curva se quiseres, mas estás mesmo bem?

O meu joelho está a latejar, mas não olho para baixo.

— Estou ótima — respondo. — Obrigada.

Tenho de pestanejar para afastar a ameaça das lágrimas. Não sei a que é que se devem.

O Joe continua a andar ao meu lado.

— Não deixes que isso estrague o teu primeiro dia.

Abano a cabeça.

— Olha em frente, e não para trás — continua ele, enquanto abrandando o passo. — É mais fácil de dizer do que de fazer, eu sei. Perdi a Kyra, a minha namorada, no verão passado.

— No verão passado — começo eu.

Tudo acabou e começou no verão passado. Inspiro ar suficiente para ser capaz de dizê-lo:

— A minha irmã morreu.

Ele sorri. É do género solidário, do género conversas-sobre-a-pessoa-morta.

— O verão é uma altura difícil para nós os dois, então. O que é que lhe aconteceu?

Quando for idosa, no meu lar, com o cabelo branco e uma camisa de noite às flores que me chegue aos dedos dos pés, pergunto-me se aquela pergunta ainda fará os meus pulmões colapsarem.

— Ela... afogou-se.

Numa piscina de água vermelha.

— Como?

Evito o olhar dele e foco-me num sinal que tem uma seta a indicar a direção do lago, e outra para a área das fogueiras. Se não o conseguir dizer aqui, numas férias da ALI, talvez nunca venha a ser capaz de pôr o que aconteceu para trás das costas.

O Joe não é um adulto que precise de saber, ou alguém que queira os pormenores sangrentos; ele próprio passou por aquilo da morte. Só preciso de dizer uma frase e ignorar os batimentos do meu peito.

— Bateu com a cabeça ao cair para dentro de uma piscina e ficou inconsciente.

Não sei porque é que acrescento:

— Houve uma discussão.

O Joe acena com a cabeça.

— Parece traumático. Espero que não estivesse lá. — Vê-me hesitar. — Oh, não. Estavas, não estavas?

Tenho a boca seca e sinto tanta vergonha como se mil agulhas incandescentes me estivessem a picar.

— Não conseguiste salvá-la? — pergunta o Joe.

Está junto a mim, perscrutando os meus olhos culposos. A toalha está a fazer-me demasiado calor, mas não posso tirá-la. Abano a cabeça.

— Não? Pobrezinha, Skye — lamenta o Joe. — Toca-me suavemente no braço. — Vou deixar-te voltar para o quarto. Vemo-nos no arborismo daqui a bocado, sim? Tem calma.

Observo-o a correr com passos largos de volta para a piscina. Devia ter-lhe perguntado acerca da Kyra, a sua falecida namorada.

O meu joelho lateja quando demonstro à instrutora que consigo prender-me e desprender-me de um arame. Como sou a última pessoa a fazer aquilo, penso em fazê-lo mal, para agitar um pouco as coisas. Mas arriscar-me-ia a ser corrida para o percurso das crianças, em que as cordas estão a meio metro do chão.

— Tens dois mosquetões no teu arnês — diz a instrutora pela milionésima vez. — Nunca debes estar no percurso sem teres, pelo menos, um deles preso ao arame.

A voz dela é alta e monótona.

Estamos todos a fazer esta atividade, incluindo a Pippa. Consigo perceber que ela já fez isto antes, embora esteja a fazer questão de escutar a instrutora com extrema atenção.

— Nada de pressionar as pessoas à tua frente. Dá-lhes espaço — diz a instrutora.

A meu lado, a Fay deixou de se preocupar com o capacete e está agora a inquietar-se com o arnês. Não está suficientemente apertado. Está a cravar-se-lhe na perna. E se não conseguir suportar o seu peso?

Se não conseguir suportar o peso *dela*, estamos todos condenados.

A Pippa olha para ela.

— Não te preocupes. Já o vou verificar daqui a um minuto.

A Danielle, que está um pouco mais longe, revira os olhos e raspa os ténis *Vans* no chão poeirento.

A instrutora pergunta:

— Há alguma questão?

Alguém quer saber quantos acidentes aconteceram.

— Perguntam-me sempre isso — diz a instrutora com uma voz enfadada. — A resposta é nenhum, e assim continuará sob a minha supervisão. Serão mandados para casa por qualquer comportamento estúpido ou arriscado. Muito bem. Vamos fazer uma fila.

Faz uma linha reta com a boca, o que, provavelmente, é a coisa mais parecida com um sorriso que ela se permite fazer.

Enquanto a Pippa verifica o arnês da Fay, afasto-me e junto-me à fila para começar o percurso. Acabo atrás da Danielle e à frente do Brandon.

Subimos uma escada íngreme para a plataforma de madeira, que tem uma vedação de arame à volta, à exceção do espaço pelo qual cada um de nós tem de sair e balançar-se numa corda, para cima de uma rede qualquer, a uma curta distância. A nossa instrutora encontra-se junto à abertura, para verificar junto de cada pessoa se prendeu os seus mosquetões.

O Joe é o primeiro, saltando com um movimento suave para cima da rede de corda.

— Isto é incrível! — grita ele, ao subir para a primeira plataforma verdadeiramente alta.

— Prende-te, e depois vai — berra a instrutora, quando chega a vez da Danielle.

Ela grita alto enquanto balança.

— Próximo — diz a instrutora.

Respiro fundo, mas, ao afastar-me da plataforma, o meu joelho paralisa. Tento virar-me, para que a minha outra perna chegue à rede primeiro e consiga apoiar-se, mas, não sei como, avalio mal a distância e estampo-me contra a rede, batendo com a cara nela e esforçando-me por me agarrar.

— Sorri! — diz alguém.

Por cima de mim, na plataforma, a Danielle segura o telemóvel na minha direção. Fito-a furiosamente e subo pela rede acima, estremecendo sempre que tenho de colocar o meu peso sobre o joelho magoado. Quando chego à plataforma, a Danielle já desapareceu há muito por um passadiço feito de degraus de madeira balouçantes.

Prendo-me ao novo arame e paro para observar a vista por um momento. Vejo o telhado de um bloco de alojamentos, um vislumbre de um lago com uma ilha ao centro, e vacas num campo. Lá em baixo há trilhos, árvores e arbustos. A queda é brutal, mas, se eu caísse, os mosquetões salvar-me-iam. Sem estar presa, morreria com certeza.

Enquanto caminho pela primeira prancha de madeira instável, sou atravessada pela adrenalina, que abafa a dor no meu joelho. Estou hiperconsciente de tudo, desde a textura da corda que tenho nas mãos à dureza da madeira por debaixo dos meus ténis.

Durante bastante tempo, a Danielle está muito à minha frente, e preocupa-me que o Brandon me apanhe, mas, depois, não sei se estou a ir mais depressa ou se ela está a ir mais devagar porque começo a aproximar-me dela. Passo para um troço fácil, por uma escada de corda onde ela ainda está, e ela vira-se para me silvar:

— Dá-me algum espaço!

Vejo logo que ambos os mosquetões dela se encontram encostados ao arnês, sem estarem presos. Se eu balouçar demasiado o passadiço, ela perde o apoio ou cai por uma abertura. Fico parada, com a respiração presa na garganta, e observo o modo como as mãos dela se agarram à corda, de ambos os seus lados, e como as suas pernas tremem ao transporem cada degrau. Quero muito afastar-me, não se vá dar o caso de testemunhar algo de que nunca me possa esquecer, mas não posso. Estou aqui. Sei que isso quer

dizer que tenho de me aguentar, aconteça o que acontecer. Ela caminha com passos irregulares em direção à plataforma ao fundo do troço, e eu incito-a a continuar a andar. Logo que os seus pés se encontram sobre a plataforma, ela volta a prender-se ao arame com ambos os mosquetões e passa para o próximo troço. Agora, move-se agilmente, como um animal das montanhas. O meu corpo está duro, enfraquecido por um medo desfasado.

Levo muito tempo a apanhá-la. Quando estou suficientemente perto, sussurro:

— Porque é que fizeste aquilo?

— Fiz o quê? — pergunta ela sem olhar para trás. — De que é que estás a falar?

cinco

Casa do Teixo, antes do Nico

Acordo de noite porque tive um pesadelo com o Oscar. Está novamente no hospital, com a mãe, por causa de uma infeção, e eu sonhei que os medicamentos não estavam a fazer efeito. Sei que é impossível voltar a adormecer logo, pelo que ligo a luz da mesa de cabeceira. O ar frio e o enorme silêncio fazem-me abrir a cortina junto à minha cama, e está tudo branco.

Neve. É tão espessa que só se consegue dizer onde começa a piscina por causa da cobertura que sobressai, mas não se consegue dizer onde acaba.

É triste ser-se a única pessoa da casa que sabe que nevou. Resisto tanto tempo quanto consigo e, depois, enrolo o edredão à minha volta e caminho para lá do quarto vazio do Oscar, ao longo do pátio, até ao quarto da Luisa.

— Lu — digo baixinho.

Às vezes, quando estou de pé ao lado da cama dela, de noite, ela fica furiosa porque, durante um segundo, acha que sou um maluco qualquer que lhe entrou no quarto.

Esta noite, lamenta-se.

— Nevou! — exclamo.

Sento-me na cama dela. A cama de que tenho tanta inveja porque é de casal.

— Uau. — Ela senta-se e, depois, volta a cair sobre as almofadas. — Estou demasiado cansada para olhar agora. Volta para a cama.

— Não consigo parar de pensar no Oscar.

Ela suspira.

— Entra, mas não ponhas os teus pés frios minimamente perto de mim. Estou a falar a sério.

Deixo o meu edredão no chão e entro para o lado dela. Os lençóis dela são lavados com os mesmos produtos que os meus, mas têm um cheiro diferente. Ela volta a adormecer imediatamente e eu aconchego-me, olhando para os pósteres na sua parede e planejando o dia nevoso que se aproxima.

Montes de gente aparece na colina por cima da quinta para deslizar sobre trenós, tabuleiros ou qualquer outra coisa que tenham à mão. Claro que o Toby está lá, aproveitando a oportunidade para se sentar num trenó atrás da Luisa e abraçá-la por trás enquanto se precipitam colina abaixo. Volta para casa connosco e oferece-se para limpar a neve da entrada e abrir um trilho ao longo do caminho de acesso até ao portão. Só nós é que precisamos desse acesso, pelo que não percebo por que motivo o faz. O trajeto da estrada até à nossa casa e à quinta está, de momento, intransitável. A mãe e o Oscar estão retidos no hospital e o pai está a trabalhar a partir de casa, no seu escritório no sótão.

Depois, o Toby bebe um chocolate quente connosco na cozinha e, quando a Luisa diz que precisa de terminar um trabalho para a escola, ele aponta para o jardim das traseiras e pergunta, incrédulo:

— O quê? Quando há toda esta neve?

— Tenho de ter boas notas se quiser entrar na universidade — diz ela. — Faz um boneco de neve com a Skye.

Fazemos. Criamos um como se estivesse a fazer o pino, pulamos sobre o trampolim, que mal ressalta por causa do peso da neve que tem em cima, e fazemos anjos de neve. Lutamos com bolas de neve até o Toby abanar um ramo de árvore sobre a minha cabeça e eu ficar tão atolada em neve que mal me consigo manter de pé, e ele também não, porque acha aquilo hilariante.

— Não tens de ajudar na loja da quinta ou algo assim? — pergunto-lhe, enquanto me arrasto para dentro de casa.

Ele limpa as botas e segue-me para se despedir da Luisa, pingando água pelas escadas acima.

Enquanto tiro as minhas roupas exteriores, encharcadas, na cozinha, ele grita-me cá para baixo que ela não está a fazer nenhum trabalho para a escola, está a ver um filme no portátil. Vou até ao quarto dela, e ele está na cama com ela, só de t-shirt, já absorvido pelo drama no ecrã.

A Luisa olha para cima, vê o meu cabelo húmido e as minhas orelhas e mãos vermelhas, e pergunta:

— Estás bem?

— Estou gelada.

— Vai buscar um saco de água quente e outro edredão, e vê isto connosco.

Antes de o filme acabar, adormeço, aninhada no meu lado, afastada deles os dois. Acordo lentamente, quente e confortável, ouvindo a conversa deles.

— Acho que o meu pai não me queria contar, mas tinha bebido uns copos — está a Luisa a dizer. — Gastaram demasiado dinheiro para consultarem médicos no estrangeiro, o negócio dele não está a correr bem neste momento e a minha mãe já não pode trabalhar por causa do Oscar.

Abro os olhos, com as pestanas a roçarem na almofada.

O Toby muda de posição. Apercebo-me de que já não está encostado à Luisa.

— Mas os teus pais não iam vender esta casa... Quer dizer, vocês viveram aqui a vida toda. E...

— Não te preocupes. Vou vender um rim para ajudá-los — diz a Luisa, com uma voz brincalhona e otimista.

— Eu venderia um rim se isso significasse que ficavas cá — diz o Toby. — Venderia o meu corpo.

A Luisa ri-se e, a seguir, ouve-se o som desagradável de um beijo ruidoso.

**Uma perda dolorosa, um pesado sentimento
de culpa, uma mentira sombria...
Um ano depois, a verdade vem ao de cima.**

No verão passado, Skye perdeu a irmã num trágico acidente, e não consegue deixar de se sentir culpada pelo que aconteceu. Para ajudá-la a seguir em frente, os pais decidem que ela deve passar uns dias num campo de férias, juntamente com outros jovens.

Tudo parece correr bem; Skye faz novas amizades e participa em diferentes atividades radicais. Até ao dia em que começa a receber mensagens arrepiantes no telemóvel: alguém está a fazer-se passar pela sua falecida irmã. Assustada, Skye sente que não pode confiar em ninguém e, no campo de férias, todos são agora suspeitos.

Conseguirá Skye recuar ao passado e enfrentar os seus medos mais profundos, de forma a descobrir a verdade? Estará ela preparada para mergulhar no desconhecido?



**«A Verdade Escondida do Verão Passado
é um thriller fenomenal. Adorei!»**

Zoella, autora da série bestseller *Miúda Online*

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-07-4



9 789898 869074

Literatura Traduzida